

pode recuperar a autenticidade da cultura portuguesa e sublinha ainda a crítica feita pelo escritor à inexistência na Universidade de uma Filosofia portuguesa, desatendida e substituída por uma Filosofia em Portugal.

Em todos os capítulos desta importante obra a análise de cada tema e de cada construção é sustentada por uma bibliografia importante e adequada.

Vocacionada primordialmente para um público universitário, a obra em questão é um instrumento de trabalho de grande valor para a história da cultura e para a filosofia portuguesa.

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO
Universidade de Coimbra
mlp600@gmail.com

https://doi.org/10.14195/2183-1718_68_22

POMPEU, Ana Maria César e SOUSA, Francisco Edi de Oliveira (orgs.), *Grécia e Roma no universo de Augusto*, 217 pp. Coimbra – São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra – Annablume, 2015, ISBN: 978-989-26-1052-8, ISBN digital 978-989-26-1053-5

Recensão recebida a 05-06-2016 e aprovada a 25-07-2016

No propósito de assinalar o bimilenário da morte de Augusto (19.9.14 – 2014 d.C.), o Núcleo de Cultura Clássica da Universidade Federal do Ceará dedicou a XXVII Semana de Estudos Clássicos ao tema “Grécia e Roma no Século de Augusto”, e, do evento, resultou o volume que aqui se recenseia.

A crescente influência em Roma da cultura grega é, de acordo com a “Introdução”, perturbada por uma hostilidade ao mundo oriental, que decorre do conflito entre Augusto e António. A batalha de Áccio e Augusto (Virg., *G.* 3.10-20), de acordo com o referido texto preambular, acabam por salvar o referido movimento cultural. Se, do próemio a Virg., *G.* 2, depreendeu Nappa, que aparece citado, a importância de conceitos como “enxertia” e “hibridismo” na tradução dessa influência, e Horácio, *Carm.* 4.15.1-20, realçou o regresso, por meio de Augusto, da *pax* e dos antigos valores a ela associados, já Tito Lívio, no prefácio de *Ab Vrbe condita*, assiste com preocupação aos vícios que marcam a sua época e aos remédios que para eles são propostos. A “Introdução” termina com uma breve alusão à estrutura da obra e resumos das diversas reflexões que, correndo embora o risco de

se tornarem redundantes relativamente as secções correspondentes no início de cada comunicação, têm o mérito de proporcionar ao leitor uma visão de conjunto da obra e de o ajudar a compreender o conteúdo das partes.

A primeira secção da obra reflete sobre a introdução da filosofia grega em Roma e sobre a relação entre Cícero e Otaviano. Com clareza e limpidez notáveis, analisa José Carlos da Silva Almeida o primeiro dos referidos temas em comunicação que considera a presença de traços do pensamento filosófico grego nas sentenças de Ápio Cláudio Cego, as consequências da presença em Roma da embaixada ateniense de 155, a importância dos professores gregos na educação dos jovens de famílias nobres, as viagens destes à Grécia, as guerras que levaram à conquista da Anatólia e da Grécia (89-84 a.C.) e ao saque da Academia e do Liceu, a vinda para Roma de obras e bibliotecas gregas, a valorização da influência grega pelo Círculo dos Cipiões, os ecos, em Cícero, do debate entre as diversas escolas filosóficas, as repetidas expulsões de Roma de filósofos, os melindres que o ceticismo de Carnéades causou a Catão, a articulação do Estoicismo com a moral tradicional e a prática política romanas, a aclimação da filosofia epicurista à cultura romana e a presença desta corrente filosófica na Campânia.

Embora o investigador cite Gélio 6.14.8-10 e 17.21.48, que fala de uma embaixada constituída por três filósofos (Carnéades, da Academia; Diógenes Estóico; e Critolau Peripatético), vale a pena notar que não existia consenso quanto ao número de embaixadores, pois Plutarco, *Cat. Ma.* 21.1-3, informa que a embaixada era formada apenas pelos dois primeiros. Talvez coubesse nesta secção do trabalho uma reflexão sobre as dificuldades encontradas por Cícero para criar um vocabulário filosófico latino. No subcapítulo intitulado “A elite política romana e a filosofia”, o investigador admite uma relação entre os princípios estoicos e Marco Júnio Bruto, mas, na biografia que deste traça Plutarco, depois de se dizer que Bruto estudou todas as espécies de filósofos gregos e gostava deles, esclarece-se que era sobretudo adepto da Academia de Platão. No derradeiro subcapítulo, intitulado “A filosofia e a política romana”, talvez o autor pudesse ter considerado a necessidade ciceroniana de justificar a articulação da atividade política com a filosófica (cf. *Dos Limites Extremos* 1.3.10-4.11), mas a ausência em nada belisca o mérito do trabalho que merece ser lido e apreciado por todos quantos se interessam pelo tema da introdução da filosofia em Roma.

Seguem-se duas reflexões, cuja ligação ao tema geral da obra se revela no mínimo ténue, mas que nos dão uma visão panorâmica dos esforços encetados por Augusto para conseguir o apoio de Cícero e do Senado, das

dúvidas de Cícero quanto à personalidade e às intenções de Augusto e da argumentação ciceroniana no sentido de apresentar Otávio como o salvador da República. A comunicação de François Prost é exemplar no modo como articula, com a sistematização inicial dos principais critérios que presidirão à sua análise, da relação cronológica das obras que vai analisar com os acontecimentos políticos e militares da época (44-43 a.C.), e, mais adiante, das obras que traduzem modelos de transmissão e formação que, de algum modo, possam prefigurar a relação entre Cícero e Augusto na correspondência, um forte pendor argumentativo e copiosa informação acerca da perspectiva que de Otávio apresenta Cícero na correspondência e nas *Filípicas*.

A segunda parte da obra, intitulada “A literatura augustana”, começa com um texto de Ana Maria César Pompeu, subordinado ao tema “Drama satírico e *komos* em Platão e Horácio”, onde a autora demonstra, de forma clara e evidente, a influência dos elementos do título no *Symposium* de Platão; onde, por meio da citação de Aristófanes, *Ach.* 195-202, a investigadora nos abre o apetite para a leitura da sua “versão matuta” da peça “para os personagens do campo”; e onde tenta mostrar que o drama satírico perpassa toda a *Ars* horaciana. Além de citar os versos horacianos de poética explícita sobre o drama satírico (*Ars* 220-250), a investigadora cita, em abono do último ponto, *Ars* 1-5, onde Horácio descreve um impressionante ser híbrido e alude ao riso que semelhante quadro suscitaria, e a conclusão da *Epistula* (461-75), sobre os malefícios do *furor* poético e sobre a necessidade de se dar ao *uesanus* poeta a liberdade de, em busca de verdades escondidas, se suicidar. No que toca a relação entre poética explícita e poética implícita, vale a pena notar um desfasamento entre as palavras de Horácio, em *Ars* 239 e 247, que respetivamente recomenda que a linguagem de Sileno, aio de Dioniso, se distinga da dos escravos da comédia e que as palavras do coro de Faunos não sejam sujas e obscenas, e Eurípides, *Cyc.* 164-74, onde, ao mostrar apreço pelo vinho, profere Sileno palavras obscenas. É por isso que o hibridismo inicialmente descrito excede em larga medida a caracterização das personagens e o registo defendido por Horácio para o drama satírico e o *uesanus* poeta pouco ou nada tem que ver com a moderação de Sileno e Faunos horacianos.

Ao considerar a *aetas aurea* em Virgílio, *Ecl.* 4, na sua relação com a paz de Brindes, Roberto Arruda de Oliveira tem o mérito de não esquecer anteriores tratamentos do tema (Hesíodo, *Opera et dies*; Horácio, *Epod.* 16.35-66; Tibulo 1.3.35-50; Ovídio, *Met.* 1.89-112). Francisco Edi de Oliveira e Sousa é absolutamente convincente na demonstração de que Dáfnis se

identifica com César em Virg., *Ecl.* 5.20; de que a expressão *crudeli funere* (*Ecl.* 5.20, *G.* 3.263 e *A.* 4.308) descreve os malefícios da paixão amorosa (Júlio César em *Ecl.*, Leandro e Hero em *G.*, e Dido em *A.*); e de que Baco, associado a Marco António, simboliza o conflito entre Roma e o Oriente no fim da República. Natália Vasconcelos Rodrigues procura, pela análise de personagens como Creúsa, Andrómaca, Dido, as mulheres troianas e a mãe de Euríalo, demonstrar que as mulheres da *Aeneis*, representam um passado que tem de ser deixado para trás e/ou uma esfera privada que tem de ser abandonada em prol de um futuro que constitui desígnio coletivo. A partir dos testemunhos antigos sobre os méritos da *elocutio* tibuliana e com base em *Retorica a Herénio* e H. Lausberg, *Elementos de retórica literária*, identifica Maria Helena Aguiar Martins a presença em 1.1 de *uersus echoici*, de verso áureo, de quiasmo, e, no plano da *dispositio*, a colocação de palavras de modo a mimetizarem o conteúdo. Segue-se um estudo de Josenir Alcântara de Oliveira sobre a “A múltipla etimologização nas *Metamorphoses* de Ovídio”, que tem o mérito de realçar a importância, para os autores antigos, de etimologias que, a partir de um conjunto de valores socioculturais e numa busca de origens escondidas, pouco têm que ver com a etimologia que resulta da comparação entre as diversas línguas e remonta ao séc. XIX.

Alguns dos autores da segunda parte não referem a ligação à cultura grega, mas isso não significa que, nos temas considerados, se não pudessem encontrar exemplos naquela língua. A posição do estudo de Josenir Oliveira é deveras bem pensada uma vez que um dos aspetos que Maria de Fátima Silva considerará na comunicação intitulada “Plutarco, *Vidas de Teseu e Rómulo*: os alicerces de duas culturas paralelas”, que inicia a terceira e última parte da obra, por sua vez subordinada ao tema “Um legado augustano no pensamento de Plutarco”, será a reflexão sobre as origens do topónimo Roma (p. 152ss.). Quanto à reflexão de Maria de Fátima Silva, notável pelo rigor científico e pela clareza expositiva, não só revela a conceção biográfica de Plutarco, no delicado equilíbrio entre a veracidade dos factos, a verosimilhança e a imaginação, como identifica semelhante estrutura e temas considerados em ambas as *Vidas* e se centra no percurso de Teseu e Rómulo até à definição do espírito e princípios da cidade, deixando de lado a gestão da mesma.

Do retrato que Plutarco traça das principais figuras do final da República, procura Maria Aparecida de Oliveira Silva (“Da República ao Império: considerações sobre as biografias de Plutarco”), num registo

que, em muitos casos – nomeadamente quando realça que a maior parte só se preocupava com a defesa dos seus interesses pessoais e que com Catão Uticense morria a liberdade-, faz lembrar a visão que das referidas personagens e da queda da República veiculara Séneca em sua obra. Seria, de resto, muito interessante perceber, obviamente em outro estudo, quais seriam as fontes comuns ao Filósofo e a Plutarco e em que medida teria o primeiro influenciado a visão do segundo sobre o assunto.

Na parte final da obra, Márcio H. V. Amaro reflete sobre “Aristófanes e Plutarco: a comédia rindo de si mesma”; Francisco A. R. da Silva, sobre “Uma pedra no sapato antigo: sobre *Moralia* de Plutarco e *Vespas* de Aristófanes”; e Paulo C. de B. Teles Júnior e Ana M. C. Pompeu, sobre “O *agón* cômico e Plutarco e o retórico de Aves de Aristófanes”. Denominador comum às três comunicações é *Mor.* 853D, onde Plutarco estabelece comparação entre Aristófanes e Menandro. Da leitura destes textos, é possível depreender que, na Grécia, a Comédia tinha um função de entretenimento, uma dimensão metapoética e autoparódica, nomeadamente no que a convenções teatrais dizia respeito – que, acrescento, teria, no entender de alguns críticos, sido um fator decisivo para a mudança de paradigma, nomeadamente a transição para a Comédia Intermédia e para a Nova –, e uma dimensão paradigmática e satírica, que, acrescento, por meio da invetiva, por vezes nominal, perpassava a Comédia Antiga e, nas *Ranae*, ditava a vitória de Ésquilo sobre Eurípides.

Convinha que houvesse uniformidade nas referências bibliográficas antigas, pois, se alguns citam pelo nome dos editores e tradutores modernos, que é a prática atual, Márcio H. V. Amaro cita pelos autores antigos (cf. p. 192). Há, finalmente, algumas gralhas que importa assinalar para futuras correções: “Mitrídates” por “Mitridates” (p. 24); “Diodoto” por “Diódoto” (p.28); “*Met.* 89-112” por “*Met.* 1.89-112” (p. 92); “desaparecidos” por “desaparecido” (p. 96); “Dóriclos” por “Dóriclo” (p. 120); “Delia” por “Délia” (p. 125); “divida” por “dividida” (p. 128); “Sobre” por “sobre” (p. 128); “*celebras*” por “*celebram*” (p. 186); “mal gosto” por “mau gosto” (187); “sê-los” por “sê-lo” (195).

PAULO SÉRGIO FERREIRA

Universidade de Coimbra

paulusergius@yahoo.com

https://doi.org/10.14195/2183-1718_68_23